



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V**  
**COLEGIADO DE GEOGRAFIA**  
**LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**MAINARA PEREIRA CARDOSO**

**A CULTURA CACAUEIRA NO VALE DO JIQUIRIÇÁ E SEUS IMPACTOS**  
**SOCIOESPACIAIS NO MUNICÍPIO DE MUTUÍPE**

Santo Antônio de Jesus - BA

2021



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V**  
**COLEGIADO DE GEOGRAFIA**  
**LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**MAINARA PEREIRA CARDOSO**

Trabalho monográfico desenvolvido como requisito à obtenção da conclusão do curso de Licenciatura em Geografia, pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas - Campus V.

**Orientador.** Prof. Dr. Luís Cláudio Requião da Silva.

Santo Antônio de Jesus – BA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Dados fornecidos pelo autor

C268c

Cardoso, Mainara Pereira

A cultura cacaeira no vale do Jiquiriçá e seus impactos socioespaciais no município de Mutuípe / Mainara Pereira Cardoso. – Santo Antônio de Jesus, 2021.

55 fls.

Orientador(a): Prof. Dr. Luís Cláudio Requião da Silva

Trabalho de conclusão de curso ( Graduação) - Universidade do Estado da Bahia.  
Departamento de Ciências Humanas, *Campus V*. Colegiado de Geografia. Santo Antônio de Jesus, 2021.

MAINARA PEREIRA CARDOSO

**A CULTURA CACAUEIRA NO VALE DO JIQUIRIZÁ E SEUS IMPACTOS  
SOCIOESPACIAIS NO MUNICÍPIO DE MUTUÍPE**

Trabalho monográfico desenvolvido como requisito à obtenção da conclusão do curso de Licenciatura em Geografia, pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas - Campus V.

Aprovada em 16/12/ 2021

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Luís Cláudio Requião da Silva (Orientador)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



---

Prof. Dr. Miguel Cerqueira dos Santos  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



---

Prof. Dr. Sandro Correia  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Santo Antônio de Jesus, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ 2021

## DEDICATÓRIA

*“A minha amada e guerreira mãe, que sempre esteve junto comigo em toda essa trajetória, me apoiando, me dando forças para seguir em frente. Uma mulher incrível, que é a minha inspiração, minha fortaleza, a ela toda minha gratidão sempre”.*

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus, meu pai, que sempre me protegeu e iluminou, sou grata por ter me concedido saúde, coragem para persistir e não desistir dos meus sonhos e projetos... Deus que sempre segurou em minhas mãos e enxugou minhas lágrimas nos momentos difíceis.

A minha mãe Sônia, minha irmã Tainara, e meus avós Luzia e Miguel (in memoriam) que sempre me ajudaram e me apoiaram nessa caminhada, contribuíram muito, tanto para minha formação educacional, como transmitindo valores e princípios que carrego comigo até hoje.

A minha família (irmã, tios, primos), de forma especial aos meus tios Lucinaide e Elizeu, que contribuíram na minha trajetória escolar.

Aos professores, que tive a oportunidade de conviver e aprender, através do curso de Geografia. Sou grata por toda dedicação e cuidado em sala de aula e por todo ensinamento.

A todos os amigos e colegas que fizeram parte dessa caminhada junto comigo, sempre compartilhando os momentos bons e ruins, sempre ajudando uns aos outros a vencer os obstáculos e conquistar nossos objetivos.

Ao meu namorado Vitor, que sempre me deu forças, me apoiando nos estudos, acreditando em mim, no meu potencial e me incentivando a continuar.

A toda equipe da UNEB, em especial aos coordenadores do curso de Geografia.

Ao meu orientador Luís Cláudio Requião, que acreditou no meu potencial, e sempre incentivou e colaborou para que esse trabalho fosse concluído com sucesso. Muito obrigada pelo apoio e paciência, sou muito grata.

A banca examinadora, os professores Requião, Sandro e Miguel, pelo profissionalismo e dedicação.

## RESUMO

O presente trabalho monográfico intitulado *a cultura cacaueteira no Vale do Jiquiriçá e seus impactos socioespaciais no Município de Mutuípe* que tem como objetivo identificar como a produção cacaueteira tem impactado na economia, paisagem e na dinâmica de vida da população do município de Mutuípe-Ba. Considerando que essa lavoura atinge inúmeros produtores familiares e dinamiza a economia local e da região, buscou-se entender quais aspectos da cultura do cacau impactam na organização espacial do município de Mutuípe. Para fundamentar essa discussão utilizou-se obras de autores como Delabie (1990), Milton Santos (1997-1988- 2008-2006), Almeida (2008), Castello e Frederico (2010) Dias e Nascimento (2014), entre outros que contribuíram sobremaneira para aprofundar nossas discussões as quais se desenvolveram a partir dos conceitos de paisagem, produção e circuito espacial. A metodologia utilizada foi à pesquisa de abordagem qualitativa, apoiada na pesquisa de campo, por meio da realização de entrevista para produção dos dados junto aos sujeitos da pesquisa. Ao final da mesma constatou-se que a história da cultura cacaueteira no município de Mutuípe é marcada por períodos áureos e de crises e que essa cultura tem grande influência para o desempenho socioespacial e para a transformação da paisagem do Município.

**PALAVRAS-CHAVES:** Cultura Cacaueteira. Impactos socioespaciais. Paisagem. Mutuípe

## ABSTRACT

This monographic work entitled *cocoa culture in Vale do Jiquiriçá and its socio-spatial impacts in the municipality of Mutuípe and its headquarters district*, which aims to identify how cocoa production has impacted the economy, landscape and the dynamics of life of the population of the municipality of Mutuípe-Ba. Considering that this crop affects numerous family producers and boosts the local and regional economy, we sought to understand which aspects of cocoa culture impact the spatial organization of the municipality of Mutuípe. To support this discussion, works by authors such as Delabie (1990), Milton Santos (1997-1988-2008-2006), Almeida (2008), Castello and Frederico (2010) Dias and Nascimento (2014) were used, among others that contributed greatly to deepen our discussions which were developed from the concepts of landscape, production and spatial circuit. The methodology used was the research with a qualitative approach, supported by field research, through the application of questionnaire, for the production of data with the research subjects. At the end of it, it was found that the history of cocoa culture in the municipality of Mutuípe is marked by golden periods and crises and that this culture has a great influence on the socio-spatial performance and on the transformation of the municipality's landscape.

**KEYWORDS:** Cacao Culture. Socio-spatial impacts. Landscape. Mutuípe

## LISTA DE ABREVIATURAS

**BA**- Bahia

**CEPLAC** –Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira

**CENDES** - *Centro de Estudios del Desarrollo*

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**MORVEN** - Metodologia para o Diagnóstico Regional

**PROCACAU**- Programa de Expansão da Lavoura Cacaueira

**UNEB** – Universidade do Estado da Bahia

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Imagem de localização do município de Mutuípe-Ba referente aos municípios vizinhos.....	25
<b>Figura 2</b> - Imagem da lavoura cacaeira .....	27
<b>Figura 3</b> - Imagem da Rotatória do Cacau em Mutuípe-Ba.....	30
<b>Figura 4</b> - Imagem de comércio de Armazém.....	41

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. PAISAGEM, PRODUÇÃO E CIRCUITO ESPACIAL: ANÁLISES E REFLEXÕES A PARTIR DOS CONCEITOS.....</b>	<b>15</b>
1.1 Paisagem.....	15
1.2 Produção .....	17
1.3 Circuito espacial.....	19
<b>2. MUTUÍPE E A CULTURA CACAUEIRA.....</b>	<b>22</b>
2.1 O Cacau na Bahia.....	22
2.2 A produção de cacau no Vale do Jiquiriçá.....	25
2.3 Mutuípe: Tudo que se planta dá.....	27
<b>3. A CULTURA CACAUEIRA E SEUS IMPACTOS NA PAISAGEM URBANA DO DISTRITO SEDE DO MUNICÍPIO MUTUÍPE/BA: O QUE REVELAM OS DADOS.....</b>	<b>30</b>
<b>3.1 Entrevistas com agricultores, comerciantes e coordenador da CEPLAC.....</b>	<b>31</b>
3.1.1 Produtores .....	31
3.1.2 Comerciante.....	39
3.1.3 Agentes Institucional. ....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema, A Cultura Cacaueira no Vale do Jiquiriçá e seus impactos socioespaciais no Município de Mutuípe, o estudo refere-se a uma análise da influência da dinâmica da lavoura cacaueira no município de Mutuípe, considerando que essa lavoura atinge inúmeros produtores familiares e dinamiza a economia local e da região, nesse contexto busca-se entender quais aspectos da cultura do cacau impactam na produção e organização espacial do município de Mutuípe e de sua paisagem urbana.

Observa-se que a produção do cacau influencia na dinâmica do município de Mutuípe, pois sua economia é também impactada, pois a depender do preço e da produção é que dirá se haverá movimento ou não no comércio local. Nesse sentido, sempre chamou atenção essa dinâmica que afeta não apenas o comércio e a economia local, mas também a vida das pessoas e a paisagem do município. Portanto, buscaremos responder a seguinte questão de pesquisa: Quais são os impactos socioeconômicos causados pela cultura cacaueira no município de Mutuípe-Ba e como isso reverbera na paisagem urbana do distrito sede?

Para responder à questão acima mencionada, foram delimitados objetivos gerais e específicos, com o intuito de nortear os caminhos da pesquisa. Destaca-se como objetivo geral: Identificar como a produção cacaueira tem impactado na economia, paisagem e dinâmica de vida da população do município de Mutuípe-Ba. Os objetivos específicos foram: descrever o percurso histórico da produção do cacau no Vale do Jiquiriçá; analisar os efeitos do auge e da decadência da lavoura cacaueira na estrutura urbana do município de Mutuípe; compreender as diversas relações sociais e econômicas a partir da lavoura cacaueira; identificar os impactos da lavoura cacaueira na paisagem urbana do município de Mutuípe.

Para subsidiar esta pesquisa recorreremos aos seguintes conceitos estruturantes, tais como paisagem, produção e circuito espacial. Para fundamentar essas discussões utilizamos obras elaboradas a partir de autores como: Delabie (1990), Milton Santos (1997-1988- 2008-2006), Almeida (2008), Castello e Frederico (2010) Dias e Nascimento (2014), entre outros que colaboraram sobremaneira para melhor aprofundamento e compreensão da

temática em questão. Para a realização do trabalho foram feitas pesquisas bibliográficas onde se procurou informações a respeito das relações históricas, econômicas e geográficas sobre a cultura cacauera, a partir de livros, artigos dissertações e teses.

No sentido de delimitar a construção deste estudo, recorreu-se a pesquisa qualitativa que segundo Minayo (2011, p. 21) é o tipo de pesquisa, que “responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado”. Para tanto utilizou-se ainda a pesquisa de campo para ouvir e investigar os sujeitos envolvidos diretamente com a produção e comercialização do cacau. Ainda para Gil (1999, p.94) “[...] métodos de pesquisa qualitativa estão voltados para auxiliar os pesquisadores a compreenderem pessoas e seus contextos sociais, culturais e institucionais”.

Após definir a investigação qualitativa para guiar nosso estudo, desenvolveu-se uma concisa revisão bibliográfica para selecionar estudos para fundamentar a pesquisas, dessa forma procurou-se informações a respeito das relações históricas, econômicas e políticas em livros, artigos dissertações e teses, no entanto constatou-se que há poucas produções sobre a referida temática, sobretudo referente a região do Vale do Jiquiriçá.

Na pesquisa recorreremos ainda à pesquisa de campo, que é uma metodologia aplicada na pesquisa científica e bastante desenvolvida nas áreas das Ciências Naturais. Conforme aponta Araújo et al (2008, p. 89);

A pesquisa de campo consiste principalmente na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, sendo desenvolvido por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevista para captar suas explicações e interpretações do que acontece no grupo.

Como aponta o autor supracitado na pesquisa de campo, as técnicas mais utilizadas e importantes são a observação e a entrevista. Nesse sentido, para coleta de dados adotamos a entrevista semiestruturada junto aos sujeitos da pesquisa, considerando que esse tipo de técnica apresenta uma flexibilidade e permite aos sujeitos entrevistados sentir-se à vontade para responder às questões elaboradas, e acrescentar de acordo com a necessidade.

O campo de pesquisa foi o município de Mutuípe que fica localizado no Território do Vale do Jiquiriçá, o espaço é predominantemente rural e revela grande importância para o desenvolvimento da economia do distrito sede.

Os sujeitos da pesquisa foram pessoas que trabalham diretamente com a cultura cacaueteira e que são diretamente influenciados por ela. Vale ressaltar que os produtores rurais foram escolhidos levando em consideração o tempo de produção, dessa forma elegemos um pequeno produtor, um médio produtor, um representante da CEPLAC e um comerciante (dono de armazém de cacau).

Por fim, utilizamos como técnica a produção e a análise de conteúdo, que é um método muito utilizado na análise de dados quantitativos e de acordo com Silva e Barreto (2008, p.132) quando realizada “numa perspectiva dialética, favorece a decifração dos significados de maneira mais consistente, por permitir inferir, analisar e cruzar dados verbais, gestuais e escritos”. Dessa forma, após realizarmos a análise de dados, elegeremos um capítulo na pesquisa para apresentar as discussões, reflexões e resultados da mesma.

Essa pesquisa justifica-se, considerando que o estado da Bahia é o maior produtor de cacau a nível nacional e na região do Vale do Jiquiriçá, desde a introdução dessa cultura, a população de alguns municípios passou a depender do cacau para desenvolver-se economicamente, interferido em toda dinâmica social e na paisagem do espaço.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: na introdução apresentam-se questões da pesquisa “a cultura cacaueteira no Vale do Jiquiriçá: uma análise dos impactos socioeconômicos e da paisagem no município de Mutuípe e seu distrito sede”, diretamente ligadas à contextualização do tema, referencial teórico/conceitual, objetivos, justificativa, e metodologia adotada. Discorre sobre os procedimentos metodológicos, discutem-se os caminhos percorridos da pesquisa, e realiza uma descrição da abordagem que fundamenta o estudo, o perfil dos sujeitos, o lócus da pesquisa, a trajetória da coleta de dados e a escolha da análise.

No primeiro capítulo “*paisagem, produção espacial e circuito espacial: análise e reflexões sobre os conceitos*” apresentam-se algumas discussões acerca de alguns conceitos, como: paisagem, produção e circuito espacial, todos muito relevantes para a nossa pesquisa, pois auxiliam na nossa

compreensão acerca das mudanças provocadas pela lavoura cacaeira neste município.

O segundo capítulo "*Mutuípe e a cultura cacaeira*", apresenta-se um breve percurso histórico sobre a introdução da lavoura cacaeira no estado da Bahia e Vale do Jiquiriçá, até chegar ao campo da nossa pesquisa, o município de Mutuípe, onde apresentamos algumas discussões sobre a influência do cacau no mesmo. Como se organiza, como influencia na economia e como impacta na paisagem do município.

No terceiro capítulo "*a cultura cacaeira e seus impactos na paisagem urbana do município de Mutuípe/BA: o que revelam os dados?*" apresenta-se algumas reflexões de acordo com os dados obtidos através da pesquisa de campo; apontando assim os impactos da cultura cacaeira no município de Mutuípe-Ba e como isso afeta a dinâmica de vida e a paisagem local. Por fim, apresenta-se as considerações finais, referentes à temática e ao objeto da pesquisa.

Espera-se que esta pesquisa contribua para reflexão acerca da importância da cultura cacaeira no município de Mutuípe e como essa cultura impacta na economia, nas relações sociais e na dinâmica de vida da população.

## CAPÍTULO I

### PAISAGEM, PRODUÇÃO ESPACIAL E CIRCUITO ESPACIAL: ANÁLISE E REFLEXÕES SOBRE OS CONCEITOS

#### 1.1 Paisagem

Neste capítulo apresentamos algumas discussões acerca de alguns conceitos, como, paisagem, produção e circuito espacial, considerando que esses são conceitos muito relevantes para a nossa pesquisa, pois auxiliam na compreensão acerca das mudanças provocadas na paisagem pela lavoura cacaueteira no município de Mutuípe-Ba.

Se perguntarmos a qualquer pessoa o que é paisagem, certamente as respostas serão diversas, alguns podem relacionar com o horizonte, a beleza da natureza, das flores, e talvez em algumas dessas respostas percebamos que o conceito de paisagem é tratado de forma bastante superficial. Ao longo do tempo os estudos desenvolvidos pela geografia têm contribuído muito com a compreensão desse conceito de forma mais complexa que está para além das formas apresentadas nos livros didáticos.

De acordo com o Geógrafo Milton Santos (2008);

A paisagem pode ser entendida como tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Essa pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (SANTOS, 2008, p. 67-68).

Dessa forma, de acordo com Santos (2008), o conceito de paisagem pode ser entendido como tudo que nossa visão alcança, ao tempo em que podemos considerar que paisagem não é algo estático, imutável, mas algo em movimento que pode inclusive ser transformado pelas ações dos homens, “[...] A paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, 2008, p.40).

Nesse estudo sobre a lavoura cacaueteira, e os impactos na paisagem do município de Mutuípe, consideramos que o homem possui relação direta com a paisagem, e são eles responsáveis pela modificação, elaboração e transformação dessa paisagem ao longo da história da humanidade, por isso pode-se considerar que o homem também é elemento dessa paisagem. Nesse sentido, Santos (1997) considera que;

“A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.” (SANTOS, 1997, p. 37).

Nesse sentido, faz-se necessário pensar a paisagem sobre diversos aspectos, considerando que nosso estudo nos leva a compreender como a cultura cacaueteira contribuiu para as modificações da paisagem da sede do município de Mutuípe.

De acordo com Dias e Nascimento (2014, p.4);

O advento das cidades transformou os ambientes de acordo com os princípios da lógica capitalista de produção do espaço geográfico, criando espaços desiguais e fragmentados. Deste modo, o ambiente urbano e os impactos decorrentes da urbanização são percebidos e experienciados de modo distinto pelos diferentes grupos que habitam a cidade.

A paisagem urbana é um processo de transformação da paisagem natural, e desde os nossos antepassados até os dias atuais os homens têm modificado a natureza a seu favor, e infelizmente nem sempre essas transformações ocorrem de forma equilibrada. Conforme Santos (2004) cada vez que a sociedade passa por mudanças, sejam na economia, nas relações sociais ou políticas, a paisagem se adapta às novas necessidades da sociedade.

É muito comum o termo paisagem ser confundido ou tratado como se fosse a mesma coisa do termo espaço, no entanto o geógrafo Milton Santos no seu livro *a natureza do espaço*, apresenta a diferença existente entre os dois termos, descrevendo que;

A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais concretos. Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é

sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. Por isso, esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico. A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente (SANTOS, 2006, p.67).

Com o esclarecimento a respeito da distinção entre natureza e espaço, fica claro que ambos não são sinônimos, a paisagem é defendida pelo autor como algo imutável, enquanto o espaço sofre transformações permanentemente e tem influência da sociedade em sua dinâmica e formas.

Como aponta Santos (1988), quanto mais complexa a vida social, mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial, algo que nos parece cada dia mais visível nesse século XXI, o processo acelerado da transformação do mundo natural para um cada vez mais artificial.

## 1.2 Circuito Espacial

Com as inúmeras transformações ocorridas no campo econômico, impulsionados pelas políticas de globalização, sobretudo no século XX e XXI, observa-se que houve um aumento nas disputas econômicas, transformando as esferas produtivas, sejam elas no campo ou na cidade. Nesse sentido entende-se que para compreendermos a dinâmica da produção agrícola e agroindustrial, e as relações dos sujeitos envolvidos nessas atividades, é necessário recorrermos a alguns conceitos importantes que auxiliam nessa visão, entre eles o conceito de circuito espacial.

De acordo com Castillo e Frederico (2010)

*A noção de circuito espacial produtivo enfatiza, a um só tempo, a centralidade da circulação (circuito) no encadeamento das diversas etapas da produção; a condição do espaço (espacial) como variável ativa na reprodução social; e o enfoque centrado no ramo, ou seja, na atividade produtiva dominante (produtivo).*

De acordo com (CASTILLO e FREDERICO, 2010) além de situar o devido papel da circulação, a noção de circuito espacial produtivo atribui um destaque igualmente importante à categoria *espaço*. Nesse sentido compreende-se que tratar dos circuitos espaciais da produção é discutir de

forma articulada e circular o processo de produção, distribuição, troca e consumo. Pois dentro dos circuitos espaciais esses movimentos ocorrem de forma circular e constante.

Segundo Moraes (1985) apud Castillo e Frederico (2010, p.23);

A origem da ideia de circuito de produção remonta a Marx (2008), quando esse autor enfatiza a unidade contraditória entre a produção, a distribuição, a troca e o consumo. A produção não se limitaria ao ato produtivo em si, mas seria definida pela circulação da mercadoria, desde a sua produção até o consumo final, momento em que se realiza a apropriação do excedente (mais-valia). Dessa maneira, o circuito produtivo pode ser entendido como uma unidade, com elementos distintos em seu interior. A circulação ganha destaque, demonstrando o caráter essencial dos fluxos para a realização da produção.

O emprego da noção de circuito espacial da produção na Geografia de acordo com (CASTILLO e FREDERICO, 2010, p.26) é relativamente recente. E teria surgido a partir de um projeto, denominado "MORVEN: Metodologia para o Diagnóstico Regional", que foi elaborado junto ao *Centro de Estudios del Desarrollo* (CENDES) da Universidade Central da Venezuelano final da década de 1970. Nesse trabalho, segundo as análises de Santos (1986), o referido projeto tinha o objetivo de estudar a segmentação dos espaços nacionais e a ação dos diferentes agentes produtivos sobre o espaço nos países do Terceiro Mundo.

No mesmo projeto, Milton Santos propõe a existência de três circuitos: "circuito por ramos", "circuito de firmas" e "circuito espacial ou territorial". O primeiro refere-se às relações técnicas e sociais, à localização das atividades e à tipologia dos lugares. O segundo trata da ação das grandes empresas, suas relações econômicas e círculos de cooperação estabelecidos em diferentes escalas. Por fim, a noção de circuito espacial sintetiza os precedentes, indicando ao mesmo tempo o uso do território por ramos produtivos e pelas firmas. Ele nos oferece, a cada momento, a situação de cada fração do espaço em função da divisão territorial do trabalho de um país. Santos (1986) enfatiza o papel ativo do espaço geográfico ao ressaltar que a análise dos circuitos espaciais deve relacionar a internacionalização do capital às heranças espaciais de cada país, articulando as relações de produção do passado às atuais. (CASTILLO e FREDERICO, 2010, p.27).

Como pode ser observado segundo Milton Santos há a existência de três formas de circuito e cada um deles interfere de forma direta ou indireta na dinâmica de vida das pessoas que dependem das atividades desenvolvidas

dentro da lógica desses circuitos, impactando nas relações de trabalho, na organização produtiva e na economia local.

### **1.3 Circuito espacial produtivo da lavoura cacauíeira**

De acordo com Almeida (2008, p.92) o circuito espacial produtivo da lavoura cacauíeira na Bahia é formado,

Por um reduzido número de empresas que controlam o setor, um grande número de produtores desarticulados e descapitalizados que estão sempre recorrendo às instituições públicas ou privadas em busca de créditos. E por fim, um suporte que vai desde institutos de pesquisas até a assistência técnica que existem para servir às grandes firmas processadoras.

A Bahia ainda que nas condições apontadas por Almeida (2008) está inserido no circuito espacial produtivo do cacau e “é influenciado pelo círculo de cooperação através da atuação das grandes firmas e da atuação do Estado por meio, principalmente, do ICB e da CEPLAC e o e outros órgãos responsáveis em manter a atividade cacauíeira” (ALMEIDA, 2008, P.92).

A criação da CEPLAC em 1946 representou uma expectativa de crescimento na produção da lavoura cacauíeira e conseqüentemente a expansão econômica desse mercado. A CEPLAC apresentou um pacote tecnológico, com oferta de assistência técnica, cursos de capacitação para os produtores de cacau e outros serviços na área. Conseqüentemente ocorreu por um longo período uma melhoria na qualidade da produção e no processo comercial. No entanto nos anos de 1980 uma série de ocorrências levaria à lavoura cacauíeira a decadência, a exemplo do sucateamento da estrutura da CEPLAC, “os baixos preços no mercado internacional, o aparecimento da doença Vassoura de bruxa e às novas regras de atuação das grandes firmas, a atividade cacauíeira entra em colapso”. (ALMEIDA, 2008, p.93-94).

Ressaltamos que embora a produção cacauíeira tenha enfrentado todos esses problemas, suas atividades permaneceram até os dias atuais, considerando que a região Sul da Bahia tem suas atividades cacauíeiras bem estruturadas devido às longas décadas de existência, e é para lá que vai toda a produção do Vale do Jiquiriçá e de outros municípios produtores baianos.

Por volta de 1970 à produção cacauera já existia na região do Vale do Jiquiriçá, e a partir dessa década essa atividade só veio ganhar cada vez mais impulso, pois nesse período havia uma grande mobilização para expandir a produção cacauera, visando à política de exportação. Nesse sentido, o Estado incentivava a região através da CEPLAC juntamente com o desejo de pessoas da região que já conheciam a experiência da região Sul do estado da Bahia e tinham interesse em desenvolver a atividade cacauera na região.

Observa-se que nesse período todos os municípios do Vale do Jiquiriçá desejavam o desenvolvimento econômico que o cacau representava a partir da experiência das regiões do Sul do Estado da Bahia e logo os municípios da região entraram na lógica do circuito espacial da produção da lavoura cacauera no estado da Bahia.

A organização da produção de cacau no Vale do Jiquiriçá está assentada em pequenas, médias e grandes propriedades, no entanto a maior parte dos produtores que estão lidando com o cacau são pequenos. Desse modo, esse espaço não pode ser considerado uma réplica do sistema cacauero existente na região sul da Bahia diante das suas condições de produção e de comercialização. (ALMEIDA, 2008, p. 98)

Como podemos notar há muitas diferenças na organização do trabalho com a lavoura cacauera entre o Sul do Estado da Bahia e Vale do Jiquiriçá. Entre essas diferenças está o fato de que no Vale do Jiquiriçá e especificamente no município de Mutuípe, foco da pesquisa, a produção da lavoura cacauera está assentada principalmente nos pequenos proprietários. Esses geralmente desenvolvem as atividades agrícolas com o auxílio de seus familiares, tendo em vista que possuem lotes de 20 hectares de terra para baixo e quando a família não supre há contratação de mão de obra, porém em pequena escala.

Com isso não estamos dizendo que o município de Mutuípe não tenha grandes propriedades de cacau, que necessitam inclusive da contratação da mão de obra de pequenos agricultores, que são chamados de “ganhadores de dia” ou diaristas.

O circuito espacial da produção cacauera do Vale do Jiquiriçá tem completa dependência da região Sul da Bahia, mesmo porque o escoamento da produção cacauera ocorre através de transportes rodoviário e marítimo, e

“os sistemas de transporte da região permitem sua integração com os principais centros do país. Em Ilhéus está situado o principal porto de escoamento da produção, o porto internacional de Malhado (ALMEIDA, 2008, p. 94). Outra vantagem segundo a autora é a presença da BR - 101 que atravessa Itabuna que é uma via de escoamento de parte de produção de cacau; seguida pela BR 415 que corta a região, ligando Ilhéus a Vitória da conquista e BR - 330 que interliga a BR 101 a BR 116. “Essa vasta rede de vias mais o porto de Malhado fazem da região sul da Bahia a mais bem estruturada para a atividade cacaeira no Brasil”. (ALMEIDA, 2008, p.94).

No município de Mutuípe os donos de armazéns de cacau se organizam, de forma que acumulam um grande número de cacau para a partir de então transportar para a região Sul do estado da Bahia. Esse transporte é feito em caminhões.

De forma geral, o Brasil, que já foi considerado o maior produtor de cacau do mundo, perdeu o destaque no ranking do mercado internacional e hoje produz apenas 4% do total do mundo. Sendo que os maiores produtores de cacau é a região oeste da África, onde quatro países (Costa do Marfim, Gana, Camarões e Nigéria) produzem 65% do cacau do mundo (ALMEIDA, 2008).

O capítulo em questão abordou um pouco dos conceitos de paisagem e circuito espacial, evidenciando a importância desses conceitos geográficos para o entendimento das transformações ocorridas no mundo atual.

Dessa forma, esses conceitos foram fundamentais para dá sustentabilidade a pesquisa de campo, nos fazendo compreender a dinâmica os impactos e influência da lavoura cacaeira pela via das interações da paisagem e do circuito espacial produtivo do cacau que perpassa pelas dimensões econômicas e sociais do município de Mutuípe.

No próximo capítulo “Mutuípe e a cultura cacaeira”, apresenta-se uma discussão sobre a cultura cacaeira e sua trajetória no município de Mutuípe, fazendo compreender sobre a importância dessa cultura, como ela se organiza, quais os impactos dessa cultura na vida do povo, na economia e na transformação do espaço.

## CAPÍTULO II

### O VALE DO JIQUIRIÇÁ E A CULTURA CACAUEIRA

No presente capítulo apresenta-se como se dá a organização da lavoura cacaueteira no Vale do Jiquiriçá, a partir de uma trajetória que nos permite compreender as diversas relações desenvolvidas nesse espaço, sejam sociais, econômicas, produtivas, de trabalho, de modos de vida, desenvolvidas a partir da chegada do cacau nesta região.

#### 2.1 A organização da produção de cacau no Vale do Jiquiriçá-Ba

O Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, está localiza-se no Estado da Bahia e fica a aproximadamente 150 km ao sudoeste da cidade de Salvador, capital da Bahia, majoritariamente no Centro Sul Baiano, entre as coordenadas aproximadas de 12°45' a 13°53' de latitude sul e 39°7' a 40°46' de longitude oeste, ocupando uma área de 10.287,07 km<sup>2</sup>, o que corresponde a aproximadamente 1,8% do território estadual.

O território do Vale do Jiquiriçá é composto por um conjunto de 20 municípios, como pode ser visto no mapa acima, figura 1, sendo eles: Amargosa, Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jiquiriçá, Lafaiete Coutinho, Laje, Lajedo do Tabocal, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra. Considerando o Censo do IBGE (2010), a população do território do Vale do Jiquiriçá seria de 301.682 habitantes, sendo 127.049 indivíduos estão localizados na área rural e 174.633 na área urbana, portanto 57,9% residem na zona urbana e 42,1% na zona rural.

Assim como na região do sul da Bahia, alguns municípios do Vale do Jiquiriçá também apresentaram condições climáticas, solo e paisagem capazes de favorecer a adaptação do cultivo do cacau, em especial as cidades de Laje, Mutuípe, Jiquiriçá e Ubaíra, já outras cidades do vale necessitam de maiores cuidados e investimentos em técnicas e insumos para o desenvolvimento da lavoura cacaueteira. No entanto ressalta-se que o Vale do Jiquiriçá não apresenta a mesma tradição nem condições adequadas para o cultivo do

cacau como os municípios situados no sul da Bahia, a exemplo de Ilhéus e Itabuna.

De acordo com Almeida (2008) foi a partir da década de 30 que o Vale do Jiquiriçá passou a experimentar uma nova dinâmica socioeconômica que interferiu diretamente na estrutura socioeconômica dos seus municípios. Pois até então a produção da região era o café que representava o grande potencial econômico para essa região. No entanto, com a crise de 29 do café, o cacau passou a assumir uma posição de destaque na produção agrícola do Vale do Jiquiriçá.

Na década de 1940 o cacau já era uma produção consolidada no Vale do Jiquiriçá, e como o preço bastante atraentes, grandes, médios e pequenos produtores passaram a plantar o cacau, abrindo mão de outras culturas, formando uma economia monocultora, que futuramente veio a apresentar algumas consequências.

De acordo com Almeida (2008, p.20) no vale do Jiquiriçá,

A lavoura cacauera passou a compor o quadro das atividades agrícolas depois da crise do café que afetou todas as regiões produtoras da Bahia em meados da década de 30. Mas foi a partir da década de 70, com a chegada da CEPLAC, como um marco da modernização da agricultura, que a lavoura cacauera se estendeu com maior ímpeto.

Referente à história do cacau no Vale do Jiquiriçá não se sabe ao certo como essa lavoura foi trazida para a região, mais de acordo com a história de várias cidades do Vale do Jiquiriçá conclui-se que a Estrada de Ferro de Nazaré que ligava o Vale do Jiquiriçá até Jequié contribuiu bastante, pois a cidade de Jequié possuía forte ligação com o eixo Ilhéus - Itabuna tornando viável o fluxo de pessoas, mercadorias e ideias entre os municípios do Vale e a região cacauera sul da Bahia (ALMEIDA, 2008).

A lavoura cacauera teve uma fase muito próspera da década de 70 até o ano de 1987 no Vale do Jiquiriçá, porém logo em seguida uma forte crise afetou a produção cacauera, segundo Almeida (2008) essa crise se deu devido

à queda na produtividade e da queda nos preços internacionais, além do aparecimento da doença Vassoura de Bruxa<sup>1</sup>.

No entanto, nem a vassoura de bruxa nem a queda do preço internacional impediram que a lavoura cacaeira permanecesse tendo grande relevância econômica, sendo considerada uma das mais importantes na região, que influencia até os dias de hoje na vida da população do campo e da cidade.

Quanto à organização da lavoura cacaeira, Almeida (2008, p.40) destaca que;

A atividade cacaeira, que é composta pela lavoura, pela indústria processadora e pela indústria chocolateira é caracterizada pela separação intensa entre o setor primário e o setor industrial, não existe essa integração intersetorial e, também os produtores rurais não estão subordinados diretamente as firmas processadoras (Almeida, p.40)

Como podemos perceber através das considerações de Almeida (2008) os produtores de cacau da região do vale do Jiquiriçá não possuem vínculos diretos com o setor industrial, geralmente tanto os latifundiários quanto os pequenos agricultores possuem relação com os intermediários que compram o cacau, quando as amêndoas estão secas, e esses intermediários que geralmente são comerciantes donos de armazéns de cacau fazem o trabalho de repassar a produção para as firmas.

A organização da produção, antes de chegar às firmas, envolve trabalhadores rurais que vendem a força de trabalho e também agricultores familiares que trabalham em suas terras e fazem o trabalho junto à família. Todo o processo desde o plantio até a colheita e secagem depende de mão de obra e força de trabalho.

Observa-se na atualidade que muitos produtores de cacau ainda trabalham com as velhas estruturas de produção, no entanto outros produtores recorrem a capacitações e técnicas modernas de produção da lavoura cacaeira para que essa possa corresponder às expectativas.

## **2.2 Mutuípe: tudo que se planta dá**

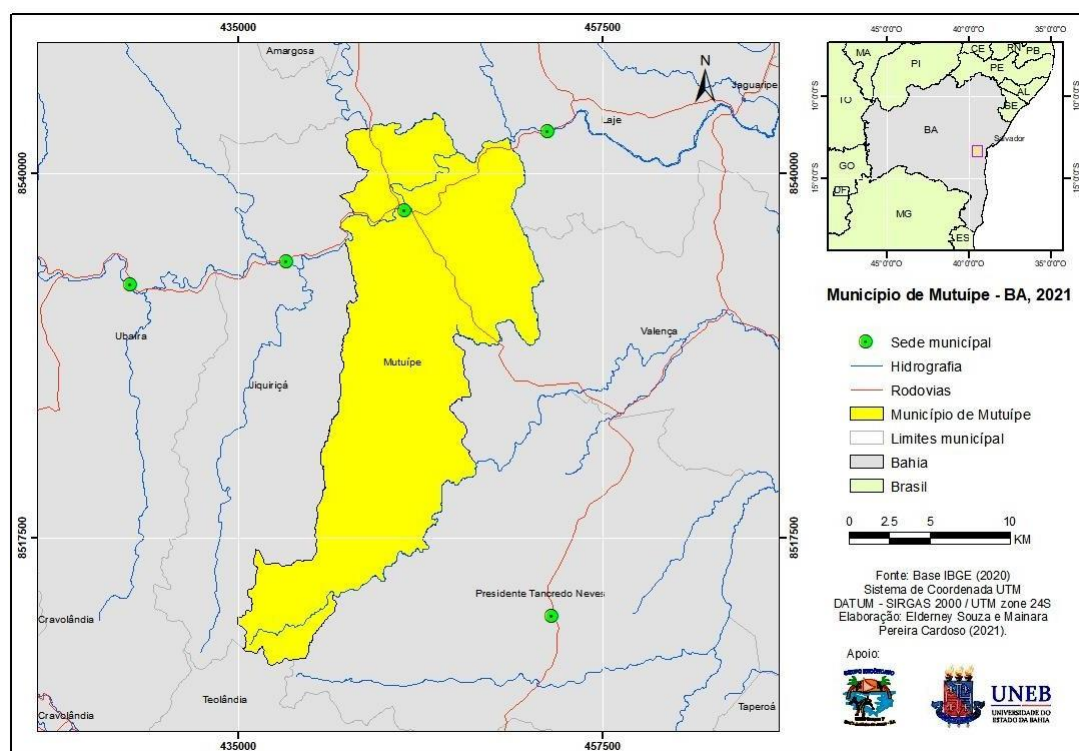
---

<sup>1</sup> A vassoura de bruxa é uma doença causada pelo fungo *Moniliophthora perniciosa*, que deixa os ramos do cacaeiro secos como uma vassoura de bruxa, reduzindo a produção em 50% a 90%

O município de Mutuípe está localizado no Centro Sul da Bahia, na zona fisiográfica do Recôncavo Sul, (FIG) tem sua economia baseada na agricultura familiar; tendo como principais o cultivo de cacau e de banana (IBGE, 2015).

A sede do município surge às margens do rio Jiquiriçá e seu desenvolvimento sempre esteve liga aos seus solos férteis inicialmente com o desenvolvimento de culturas de fumo, café, mandioca, da cana-de-açúcar e criação de gado e nas últimas décadas com a expressão da lavoura cacauera a partir na década de 70, considerado o período áureo do cacau. É nesse contexto que os moradores do município, costumam dizer que Mutuípe é um lugar de terras boas, “onde tudo que planta dá”. De fato, o município com um bioma de mata atlântica, banhado por rios e cachoeiras, tem um potencial muito grande para as atividades agrícolas.

Figura 1- Localização de Mutuípe-Ba em relação às cidades vizinhas.



**Fonte-** Base IBGE (2020) - Sistema de Coordenada 2020  
**DATUM-** SIRGAS 2000/UTM zone 24S  
 Elaboração com bases no Elderney Souza e Mainara Pereira Cardoso (2021)

Segundo a história oficial o município de Mutuípe a localidade que hoje é o município de Mutuípe, data de 1849, teria sido encontrado por viajantes a caminho de outras terras. No entanto a região já era habitada por povos indígenas, que teriam vendido às terras por volta de 1860, para o senhor Manoel Joaquim que em seguida às concedeu à sua filha Ana Joaquina. Foram os descendentes de Ana Joaquina quem transformaram parte das terras e deram o nome de Fazenda Mutum. Essa denominação é explicada pela abundância no local de aves do mesmo nome. A sede da fazenda com o seu conjunto de casas como o engenho, fábrica de farinha e alambique, foi local do povoamento e que é hoje a cidade de Mutuípe.

No último censo demográfico do IBGE (2010) o município de Mutuípe possuía 21.449 habitantes. Desse total de habitantes, 11.790 pessoas estavam concentradas na zona rural, sendo 6.179 homens e 5.611 mulheres e 9,659 da população está concentrada na zona urbana do município. Nesse sentido podemos afirmar que até o referido período que o município de Mutuípe é iminentemente rural, e assim como muitos outros municípios do interior baiano, a questão inerente à agricultura torna-se um fator decisivo no desenvolvimento do município e na qualidade de vida dos munícipes. Os dados do IBGE (2010) revelaram ainda, que o município dispõe de uma área territorial de 275,830 km<sup>2</sup>, e tem o PIB per capita de 9.164,48\$ (IBGE, 2016). A economia do município é à base da agricultura, mas há outras fontes de renda que são importantes para contribuir com a movimentação econômica do município, como: repasses do governo federal e estadual a prefeitura, o comércio, aposentadorias, remuneração dos funcionários públicos, criação de gados e agricultura. Sendo que a cultura cacaueteira é o principal produto que movimenta a economia local.

Até os anos 30 a economia do Vale do Jiquiriçá era a lavoura cafeeira, no entanto com a queda do café no mercado externo, e as mudanças ocorridas no cenário político, econômico e social, influenciou para a forte retração na economia do vale com a transferência de capitais e a concentração de terras para a criação de gado. A proibição da exportação de café de terreiro e do fechamento da ferrovia na década de 60 apresentou um retrocesso para a economia na região do Vale do Jiquiriçá e também do recôncavo baiano. Mais

tarde chega a CEPLAC buscando retornar o nível de desenvolvimento anterior agora com a expressão da lavoura cacaeira na década de 70 em diante.

Figura 2- Imagem da lavoura cacaeira



**FONTE** – Registro fotografico da autora na pesquisa de campo-2020.

A imagem mostra um pé de cacau clonado, uma técnica que consiste na reprodução assexuada de uma planta. Passando por um processo de aprimoramento genético das sementes de cacau para produzir espécies resistentes ao fungo causador da vassoura-de-bruxa. Essa técnica vem ajudando os produtores de cacau a resistir contra a vassoura de bruxa.

### **2.3 Aspectos econômicos e sociais da cultura do cacau em Mutuípe**

No município de Mutuípe inicialmente o cacau foi cultivado em pequenos lotes, e o plantio foi crescendo na medida em que a nível estadual, nacional e internacional o plantio e comercialização tornaram-se mercadoria de grande valia. Diante dessa logica, pequenos proprietários de terra passaram a se desfazer de outras lavouras para dá espaço a monocultura cacaeira, que logo, veio tornar-se a cultura dominante no município, sendo produzida em “larga escala” e tornando-se o principal produto de movimentação da economia local.

Com a chegada da CEPLAC em Mutuípe iniciou-se então a cultura cacaueteira, muitas famílias acabaram com a diversificação para dar lugar à monocultura do cacau. Por algumas décadas o cacau reinou por toda a região, no entanto com os vários planos de estabilidade da moeda e a queda dos preços nos vinte últimos anos, atualmente o município encontra-se em situação de grande desemprego, considerando que o cacau já não tem o mesmo valor de antes e as famílias que tinham um pequeno lote já não dispõem de terras para plantar as plantações de subsistência. Muitas famílias que não possuem terra suficiente para plantar, se viram obrigadas a vender sua força de trabalho para os fazendeiros da região. Em virtude disto, houve uma migração acelerada e sem ordenamento da zona rural para a zona urbana, além daqueles que saíram do município deslocando-se para os grandes centros urbanos, como São Paulo, Salvador e Minas Gerais. Causando assim o empobrecimento acelerado da população existente, atingindo mais de 80%. A pesquisa desenvolvida por Costa (2017) aponta que houve uma diminuição do êxodo nas últimas duas décadas (IBGE 2000, 2010), o que faz com que estudiosos da agricultura brasileira em várias óticas, acreditem que o êxodo rural deixou seu período de efervescência e sugerem até um retorno das populações ao campo, talvez pelo crescimento da extensão rural no país e aumento de políticas públicas destinadas ao meio rural nas últimas décadas.

Na atualidade, podemos identificar no município de Mutuípe três tipos de produtores da lavoura cacaueteira, sendo pequenos, médios e grandes proprietários. No caso dos pequenos proprietários, eles se organizam através da agricultura familiar, que segundo Neves (2011, p. 35) o termo agricultura familiar “corresponde a formas de organização da produção em que a família é ao mesmo tempo proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas”. O termo agricultura familiar surge no Brasil, como uma categoria política, a partir da necessidade de dar visibilidade para a atual situação dos pequenos produtores, no sentido de buscar sua proteção e valorização. Os pequenos produtores ou agricultores familiares contam com os integrantes da própria família para desenvolver o processo de produção da lavoura cacaueteira, no entanto maioria das famílias possuem lotes pequenos que não conseguem garantir o auto sustento da família, sendo necessário vender

a força de trabalho para os médios e grandes proprietários, para assim garantir o sustento e a sobrevivência.

Como podemos perceber na trajetória da lavoura cacaueteira no município de Mutuípe, assim como a nível estadual, que durante o início dessa produção até os dias atuais, houve altos e baixos. Houve momentos considerados de prosperidade e desenvolvimento econômico, no entanto, nos últimos tempos por conta da baixa produção da cultura cacaueteira, ocorrida devido a epidemia da vassoura de bruxa e a queda nos preços, houve uma grande redução no desenvolvimento do município, posto que essa cultura foi por muito tempo o principal cultivo do município, embora haja outros cultivos, como já mencionados nesse trabalho.

No capítulo a seguir apresentaremos os resultados da pesquisa, e o olhar dos sujeitos que a compõem, a fim de identificar a importância da cultura cacaueteira para o município de Mutuípe, e seus impactos socioeconômicos e na paisagem do seu distrito sede.

### CAPÍTULO III

#### A CULTURA CACAUEIRA E SEUS IMPACTOS NA PAISAGEM URBANA DO DISTRITO SEDE DO MUNICÍPIO MUTUÍPE/BA: O QUE REVELAM OS DADOS?

Nesse capítulo apresentaremos algumas reflexões de acordo com os dados obtidos através da pesquisa de campo; apontando assim os impactos da cultura cacaueteira no distrito sede do município e como isso afeta a dinâmica de vida e da paisagem local.

A cultura cacaueteira é tão significativa para o município de Mutuípe que no ano de 2018 a cidade ganhou uma rotatória com uma obra de arte com três cacaos em tamanhos grande, como pode ser observado na imagem a seguir.

Figura 3 - Imagem da rotatória no município de Mutuípe-Ba.



**Fonte** –Registro fotográfico da autora na pesquisa de campo-2020

Para realização das entrevistas foi feito um roteiro contendo 16 questões, a fim de compreender de forma ampla as questões relacionadas à temática. As entrevistas foram realizadas de forma individual, considerando o tempo disponível de cada participante, tendo duração variada de acordo com a participação de cada entrevistado.

A escolha dos sujeitos da pesquisa seguiu alguns critérios, mas de forma geral, consideramos pessoas que trabalham diretamente com a cultura cacauera e que são diretamente influenciados por essa cultura. Dessa forma elegemos um pequeno produtor, um médio produtor, um representante da CEPLAC e por fim um comerciante (dono de armazém de cacau).

No momento das análises dos dados realizou-se algumas reflexões no sentido de dialogar e problematizar os dados da pesquisa, e por esse motivo, optou-se por resguardar o nome dos colaboradores da pesquisa que foram entrevistados, contribuindo assim com os resultados dessa pesquisa. Dessa forma, mantemos seus nomes no anonimato recorrendo aos codinomes entrevistado 1 e entrevistado 2. Já o dono do armazém e o coordenador da CEPLA serão caracterizados com o codinome “dono do armazém” e “coordenador da CEPLAC”. Além das reflexões apresentadas nessa fase final das discussões dos resultados, apresentam-se também alguns fragmentos das entrevistas que foram transcritos a fim de serem analisados.

### **3.1 Entrevista com produtores, comerciante e coordenador da CEPLAC**

Nesse tópico apresenta-se as entrevistas que foram realizadas junto os produtores, comerciantes e representante institucional. Momento muito importante da pesquisa em que foi possível ouvir as pessoas que estão ligadas de forma direta com a produção e comercialização do cacau.

Salientamos que o desejo inicial da pesquisa era entrevistar um número maior de pessoas, no entanto diante da Pandemia do Coronavírus e de todas as orientações da Organização Mundial de Saúde para evitar o contágio, optou-se por um número menor de pessoas a serem pesquisadas.

#### **3.1.1 Produtores**

No diálogo com o entrevistado 1, morador do município de Mutuípe que atualmente reside na sede do município, o mesmo informou que mora em Mutuípe há 62 anos e que sempre trabalhou com a agricultura. Questionamos o que o entrevistado sabe sobre o município de Mutuípe antes do cacau e depois do cacau e o mesmo respondeu que;

Como já expliquei para a senhora eu moro aqui desde que nasci, na verdade a vida toda eu morei na roça e trabalhava de ganho nas fazendas, desde que me entendo por gente que trabalho, aqui no município já teve um tempo do povo plantar outras coisas, café, até fumo já se cultivou por aqui, mas eu lembro mesmo é do cacau, que chegou aqui quando eu ainda era novo, daí todo mundo começou a plantar e plantar, aos poucos as terras virou tudo plantação de cacau. (entrevista 1, 2020).

Na entrevista com o entrevistado 2, fizemos o mesmo questionamento e a mesma respondeu que;

"Eu nasci aqui em Mutuípe, hoje tenho 72 anos, nunca sair pra morar em outro lugar [...] Mutuípe minha filha, antes era muitas matas, aqui tinha tudo quanto é tipo de plantas e aves, mas naquele tempo não tinha estradas nas roças, nem energia elétrica, hoje que tem de tudo. Desde moça já acompanhava minha mãe pra lavar roupa no rio e pra casa de farinha. O cacau já veio depois, e acho que foi depois dele que tudo mudou. Hoje é difícil até encontrar uma caça, todo mundo foi

limpando terra pra plantar cacau e os bichos foi embora (entrevista 2, 2020).

Como podemos observar no relato de seu João, anteriormente a cultura cacauera o município de Mutuípe foi produtor de outras culturas, como o café e o fumo. De acordo com Almeida (2008) “até os anos de 1930 era a produção de café que caracterizava grande importância para esse espaço, no entanto, com a proibição do governo estadual devido a grande crise de 29, o cacau passou a assumir uma posição de destaque na produção agrícola” (2008, p.53). Diante desse contexto, só após o declínio da cafeicultura é que o cacau passou a fazer parte do cenário agrícola do vale do Jiquiriçá. Já o relato de dona Margarida apresenta um município que antecede a lavoura cacauera com a presença de matas e diversidade de animais e segundo a mesma essa mudança na paisagem teria ocorrido a partir da introdução da lavoura cacauera.

Diferentemente da região do Sul da Bahia, que cultiva o cacau ao modelo conhecido como “cabruca” que é um sistema agroflorestral tradicional da região, o qual maneja culturas à sombra das árvores nativas da Mata Atlântica, no Vale do Jiquiriçá o plantio do cacau ocorreu de forma isolada, em que geralmente a terra é destinada apenas para o plantio do cacau e no seu início muitos produtores destruíram as árvores nativas da região, pois acreditavam que a sombra das árvores não era boa para o desenvolvimento do cacau.

Em relação à questão, sobre a origem do cacau no município de Mutuípe, o entrevistado 1 informou que não sabe dizer como o cacau chegou ao município, já dona Margarida contou que a sua mãe lhe contava uma história que um fazendeiro fez uma viagem para o sul onde o cacau já era plantado e na volta trouxe mudas do cacau e passou a cultivar nesta região.

Assim como não há uma definição precisa de como o cacau chegou ao estado da Bahia, não há registros de como o cacau chegou ao município de Mutuípe e passou a ser cultivado. No entanto acredita-se que a estrada de ferro que transitava de Nazaré – Jequié (Bahia) tenha contribuído para que o cacau que já era cultivado pelas bandas do sul chegasse a Mutuípe. Tendo em vista que a cidade de Jequié dá acesso para as cidades do Sul do estado.

Em relação à importância da cultura cacauzeira para essa região, eles consideram que;

O cacau é... é, como o povo diz né, ele é a riqueza dessa região. No tempo que o cacau dava muito, todo mundo achava trabalho, e as coisas era melhor, mas de um tempo pra cá, o cacau caiu muito e hoje em dia é difícil viver só do cacau. Eu mesmo quando casei vim morar na cidade e sempre ia trabalhar na roça, depois que meus pais morreu eu ganhei de herança um pedacinho de terra, pequeno, sabe? Com uns 400 pés de cacau, mas é pouco sabe? não dá pra sustentar a família só com a roça, mas depois que aposentei continuei com minha rocinha porque eu gosto demais de trabalhar na roça. (entrevistado 1, 2020).

O cacau nessa região ainda é o que movimenta o dinheiro da região, porque quando o cacau tá com o preço bom e tem cacau a gente vê o comércio movimentado e as pessoas comprando, mas quando o preço tá ruim ou não tem cacau a cidade fica um paradeiro que só. (entrevistado 2, 2020).

Tanto no relato do entrevistado 1 quanto do 2 é possível perceber o valor de ambos atribuído ao cacau, no entanto seu João fala de um período próspero do cacau, que fez o cacau ser considerado a riqueza da região e o período atual no qual ele considera que o cacau “caiu muito”. Já dona Margarida considera o cacau como a moeda da região, e que o movimento financeiro do município depende muito do preço do cacau. Diante do relato dos entrevistados, fica claro que a atividade rural da lavoura cacauzeira tem grande importância para o desenvolvimento da economia da cidade, uma vez que o desenvolvimento econômico desse município depende diretamente da dinâmica das atividades agrícolas, principalmente o cacau.

É uma tradição da cidade de Mutuípe, as pessoas analisam se uma festa será “rica” ou não de acordo com a lavoura e o preço do cacau. Por exemplo, a festa do São João, se o tempo foi bom contribuiu para uma produção farta e o preço de mercado do cacau tá em alta, logo todos consideram que a festa será rica. Isso significa dizer que as pessoas vão ter dinheiro para comprar no comércio local (alimentos, roupas, calçados e etc), para participar da festa e com isso movimenta a economia da cidade. Mas caso ocorra o contrário, as pessoas já criam a expectativa de uma festa sem muita animação, sem a participação das pessoas no comércio e conseqüentemente sem muita alegria.

Ao questionar sobre o que representou a praga da vassoura de bruxa para os produtores de cacau do município e região e o que os produtores do cacau fizeram para tentar sobreviver após a vassoura de bruxa, o entrevistado respondeu que;

Rapaz...(risos) a vassoura de bruxa é uma praga braba né, foi ela que acabou com o cacau, por que foi depois dela que a produção caiu, né. Antes uma rocinha boa, adubada e zelada dava muito cacau, mas depois da vassoura de bruxa não dá mais como era. Mas eu não sei dizer pra senhora o que é que o povo faz não, eu sei é que depois apareceu a clonagem daí quem tinha dinheiro, os fazendeiros, sabe, conseguiu salvar a roça e a gente também vai lutando, podando o cacau, tirando a vassoura, clonando quando pode. (entrevistado 1, 2020).

Já o entrevistado 2, nos conta que;

Não sei se você sabe, mas na época que apareceu a vassoura de bruxa saiu na televisão uma suspeita dela ter sido jogada de propósito para acabar com o cacau, mas até hoje não sei se essa história foi verdade. [...] Foi uma luta grande para acabar com a vassoura de bruxa, mas até hoje ainda tem.

O entrevistado 1 identifica que uma alternativa para tentar sobreviver à vassoura de bruxa, foi à técnica da clonagem do cacau, já dona Margarida acredita que a vassoura de bruxa tenha sido uma sabotagem, que esse tipo de doença foi trazida para o Brasil de propósito. O que se sabe é que a doença da vassoura de bruxa foi registrada pela primeira vez no Suriname, em 1895, de onde se difundiu para o resto da América do Sul e ilhas do Caribe, onde obteve o status de doença endêmica.

Sabe-se que essa doença foi desastrosa para os municípios produtores do cacau, contribuindo de forma direta para extingui postos de trabalho, e consequentemente provocando o êxodo rural. Os impactos da vassoura de bruxa foram catástrofe para a economia de diversos municípios os quais tinham o cacau como principal fonte de renda. Acredita-se que a praga da vassoura de bruxa e sua dissiminação tenha sido introduzida na cultura cacaeira através da ação humana, um grande crime com consequências que reverberam até os dias atuais.

Ao questionar de que forma essa cultura contribuiu/ou contribui para o desenvolvimento socioeconômico do município, o entrevistado 1 respondeu que;

Eu já falei pra senhora né, quando o cacau dava as coisas era melhor, o povo comprava mais, pagava as contas. Mas hoje

ninguém faz mais compromisso não, porque não pode confiar na roça, cada dia o cacau dá menos. (entrevistado 1, 2020).

O cacau foi muito bom para essa região, trouxe fatura, trabalho, e ajudou a cidade a crescer, porque com o plantio do cacau os prefeitos tiveram que abrir estradas, e melhorar as coisas pra o povo poder trazer o cacau para vender na cidade. (entrevistado 2, 2020).

Para além das possíveis contribuições do cacau para o desenvolvimento socioeconômico, questionamos se existem impactos negativos dessa cultura no município e quais seriam esses impactos, o entrevistado 1 respondeu que; “negativo, negativo eu não sei dizer não, mais teve muito impacto sim, porque tudo se virou em cacau e hoje é difícil até ver o povo plantar outras coisas pra comer, pra mim o ruim foi isso aí né”. Na mesma linha de raciocínio de seu João, dona Margarida aponta que:

“O povo ocupou as terras tudo com cacau, hoje quem tem muito cacau até pode viver dele, e quem não tem? Quem não tem acaba tendo que ir embora para a cidade atrás de emprego, ou então até vai embora para São Paulo, o cacau é muito bom, mas as pessoas como o tempo deixaram de cultivar outras coisas, deixou até de criar uma galinha, um porco, porque antes na roça todo mundo tinha” (entrevistado 2, 2020).

Tanto na fala do entrevistado 1 quanto do 2 podemos observar uma preocupação com a monocultura cacauzeira, embora no município se cultive outras produções para comercialização, como banana, abacate, jaca, a produção de produtos para o consumo das famílias é muito pequeno e muitas delas acabam vindo para a feira, na sede do município onde compram frutas e verduras que vem dos centros de abastecimentos (CEASA).

Ao questionar se houve transformação do espaço e do meio ambiental a partir da chegada do cacau, o entrevistado 1 respondeu que;

Mudou um monte de coisa né, porque muita gente derrubou até as matas pra poder plantar cacau e banana, hoje pouca gente tem outro tipo de coisa plantado na roça, antigamente não tinha só cacau, tinha banana, jaca, abacate, mas hoje tem gente que mora na roça e vem pra feira aqui na cidade comprar frutas e verduras. (Entrevistado 1, 2020)

Teve e muita, Mutuípe tinha muitas matas, aqui tinha tudo quanto era tipo de madeira de lei, como o povo chama, jequitibá... depois do cacau o povo foi tirando as árvores desmatando e hoje onde se vai agente só vê roça de cacau (entrevistado 2, 2020).

Ao questionar quantas arrobas (saca de 15 kg) de cacau os entrevistados colhiam por ano antes da vassoura de bruxa e quantas arrobas

eles colhem atualmente, o entrevistado 1 respondeu que quando a roça era toda do seu pai colhia até 30 sacas de cacau por safra, mas depois que dividiu a roça (partilha de herança), que não colhi mais de 10 arrobas por ano. Já o entrevistado 2 relatou que;

Não lembro direito quantas arrobas de cacau meu pai já colheu quando eu era moça, nem quando me casei que o cacau tava na fase boa. Lembro que a família toda participava no tempo de colheita, além disso, ainda se contratava uns três ou quatro vizinhos para ajudar. Mas hoje em dia não se colhe mais nem a metade, o trabalho que durava a semana inteira se faz em dois dias. (entrevistado 2, 2020).

Infelizmente, como podemos observar nos relatos dos entrevistados a vassoura de bruxa, é uma "praga" destrutiva que leva a perdas severas da produção do cacau, chegando até 50%, dos rendimentos. No entanto, para além da doença da vassoura de bruxa que representa o principal motivo da queda do cacau, outros fatores contribuíram para esse declínio, como a queda dos preços no mercado internacional, entre outros.

Ao questionar se o entrevistado 1 consegue sobreviver só da lavoura cacauzeira, o mesmo afirma que não e que sobrevive de sua aposentadoria, e do trabalho que desenvolve aos sábados na feira de açougueiro. Já dona Margarida diz que o cacau hoje complementa sua renda que vem da aposentadoria por idade e outra de viúva, mas se fosse pra viver somente da roça que não seria suficiente para manter os cuidados que a lavoura precisa, e manter sua família.

Em relação à forma como ocorre à organização da lavoura cacauzeira na agricultura familiar, o entrevistado 1 disse que,

Eu sempre trabalhei na lavoura e desde que era menino todo mundo ia pra roça, meus pais, meus irmãos, que eu tinha seis e todo mundo trabalhava, um tirava o cacau porque tinha mais jeito com o podão, outra turma catava o cacau da folha e depois que as rumas tava feita, aquelas rumas bem grande todo mundo sentava, uma parte quebrava o cacau e a outra descaroçava. Depois o irmão casou daí cada um foi morar em um lugar e cuidar da vida, depois meus pais morreu e agente repartiu a roça, mas ficou um pedacinho pra cada e hoje dois ou três dá conta de fazer tudo, mas sempre em família. (entrevistado 1, 2020)

Olha minha filha, aqui em Mutuípe quem tem família grande todo mundo trabalha no cacau, a não ser assim, se os filhos trabalhar de outra coisa lá na cidade, mas quem tem família pequena às vezes precisa contratar mão de obra, e aí vai depender também do tamanho da roça, porque se ela é pequena a família pode cuidar mas se é uma rocinha grande

daí vai precisar contratar mão de obra de fora. (entrevistado 2, 2020).

Os pequenos e médios produtores de cacau do município de Mutuípe, assim como os entrevistados, desenvolvem as atividades de produção, a partir de um trabalho conjunto que envolve toda a família, até mesmo as crianças e adolescentes que muitas vezes contribuem com esse processo. Com a queda da produção e dos preços do cacau esse processo do trabalho ser desenvolvido pelo núcleo da família está cada dia mais atual. No entanto, essa perspectiva do trabalho ser desenvolvido pela própria família é uma característica dos pequenos e médios produtores, porque os grandes produtores contratam trabalhadores, que são conhecidos como diaristas para desenvolver o trabalho.

Ao questionar qual a importância da CEPLAC para o município de Mutuípe e se o órgão consegue ofertar assistência técnica para todos os produtores do município, o entrevistado 1, responde que;

Olha, na minha roça mesmo me lembro de que a CEPLAC foi lá uma vez só no tempo do meu pai, depois disso só escuto falar da CEPLAC que dá curso, sempre conversa no rádio então assim minha senhora a CEPLAC ajuda os ricos né, quem tem muita terra, muito cacau mas pra os pequeno como eu não serve não.(entrevistado 1, 2020).

Já o entrevistado 2 considera que “[...] a CEPLAC ajudou bastante não só aqui em Mutuípe, antigamente eles viam muito aqui na roça, mas de um tempo pra cá eles trabalham mais oferecendo cursos, e essas coisas assim”. Como podemos perceber há uma falta de consenso sobre a importância da CEPLAC e o trabalho desenvolvido pelo órgão no município de Mutuípe. Na fala do entrevistado 1 nota-se um distanciamento e uma ausência do referido órgão no atendimento aos pequenos produtores. No relato do entrevistado 2, ele afirma que a CEPLAC já foi mais presente no assessoramento aos produtores, e segundo a mesma atualmente o órgão trabalha mais na perspectiva de capacitar os produtores para o trabalho com a lavoura cacaeira.

Ao questionar se o município de Mutuípe sobreviveria hoje sem o cultivo do cacau, o entrevistado 1 afirma que “as coisas podem piorar sem o cacau, mas eu acho que sobrevive sim, porque pior é o sertão que nem chove e as pessoas vive”. Já o entrevistado 2 relata que;

Pode até sobreviver, hoje tem aposentadoria, tem muita gente que ganha bolsa família, outras trabalham na cidade, e tudo isso movimenta, mas quem depende só do cacau ia ser muito difícil até conseguir outra fonte de renda. (entrevistado 2, 2020).

Como podemos observar o cacau, mesmo com suas crises ainda tem grande impacto na economia e na vida dos produtores do município de Mutuípe e que talvez esteja necessitando ser adotado novas estratégias e políticas para que o cacau volte a ser mais valorizado.

Ao questionar como é o processo de venda do cacau, os entrevistados responderam que:

A gente faz tudo, assim... a gente faz todo o trabalho e quando o cacau tá bem sequinho daí a gente leva pra vender no armazém de cacau. Eu mesmo vendo o meu cacau no mesmo armazém que meu pai vendia, sabe? Isso tem muito tempo já. Daqui da cidade eles leva o cacau da gente embora, tudo lá pras bandas do sul pra vender lá na fábrica e ganham muito dinheiro. (entrevistado1, 2020).

Eu vendo o meu cacau no armazém que eu tenho uma amizade, quer dizer eu conheço o dono a muito tempo, sempre vendi meu cacau lá, sempre que preciso de algum dinheiro vendo o cacau até na flor... é assim quando a gente pega o dinheiro logo, mas só entrega o cacau no tempo da safra, daí é um jogo de sorte, porque a gente vende com o preço de hoje e no dia de entregar o cacau mesmo se o preço for maior o armazém só paga o do acordo. [...] sim, sim já aconteceu comigo de vender na flor e quando entregar o cacau o preço tava bem alto e eu perdi quase 40 reais em cada saca de cacau, então assim se a gente precisa à gente pega, mas é bom mesmo é para o dono do armazém. (entrevistado 2,2020).

Não só em Mutuípe, mas em todo o Vale do Jiquiriçá o processo do da venda e compra do cacau se organiza através de três elementos: produtores, atravessadores, firmas/empresas. Os produtores são os que cuidam da lavoura e são responsáveis por todo o processo até obter as amêndoas do cacau secas. Quando isso ocorre, entra em cena o atravessador, que são os donos de armazéns que compram dos produtores sua produção. Já os atravessadores são responsáveis por reunir grandes toneladas do cacau e vender nas grandes firmas que geralmente são multinacionais que compram o cacau para exportação ou para fabricação de chocolates e outros derivados do cacau aqui no Brasil mesmo. Dentro desse processo as grandes firmas não têm um contato direto com os produtores, elas se organizam de outros

processos da produção, como o processamento do cacau. Para que toda essa estrutura se mantenha há uma grande organização dentro do circuito espacial.

Os lucros dessa forma de produção têm suas bases nos modelos hegemônicos, em que aqueles que colocam a mão na “massa” os produtores, não tenham o retorno financeiro compatível com todo o processo realizado, eles estão na parte de baixo da “pirâmide” financeira, enquanto os atravessadores estão no meio e as grandes firmas estão no topo da pirâmide obtendo grandes lucros. Isso pode de alguma forma ser percebido pelo grande número de armazéns localizados na cidade, como veremos adiante.

### 3.1.1 Comerciantes

Anteriormente analisamos as perspectivas sobre a história e impactos da lavoura cacauzeira do município de Mutuípe a partir das experiências e do olhar dos produtores (pequeno e um médio produtor). De agora em diante nossa análise se dá a partir do olhar de um comerciante que a mais de 20 anos compra o cacau dos produtores para revender nas grandes firmas do sul do estado da Bahia.

O comércio que compra o cacau dos produtores para levar até as indústrias é conhecido como Armazém de cacau, e os comerciantes estabelecem uma relação de atravessador, uma vez que eles compram o produto por um valor na mão do produtor e revendem para as firmas. De acordo com Amanda (2008, p.9) “o Vale do Jiquiriçá tem uma relação comercial com a região produtora do Sul da Bahia que é onde se encontram as condições políticas e técnicas para a reprodução e ampliação do circuito espacial produtivo do cacau”. Nesse sentido buscamos através da entrevista com o comerciante, compreender como são estabelecidas as relações de venda e compra do cacau, entre outras questões que foram discutidas.

Inicialmente questionamos há quanto tempo o comerciante reside no município de Mutuípe, o mesmo informou que é natural de Mutuípe, e que sempre residiu no município. Questionou-se também o que o comerciante sabe sobre o município de Mutuípe antes do cacau e depois do cacau, e ele relatou que;

Além de ser comerciante de armazém de cacau a um bom tempo eu sempre fui produtor de cacau, desde menino sempre tive uma relação

com a roça porque meu pai tinha uma fazenda e eu sempre o acompanhava. E assim eu posso dizer que acompanhei o tempo áureo do cacau que motivou o crescimento econômico de Mutuípe, porque antes do cacau a cidade não era tão desenvolvida, mas também acompanhei as dificuldades desse mercado, tanto como produtor como comerciante.

Segundo Almeida (2008, p.20) “a lavoura cacauera passou a compor o quadro das atividades agrícolas depois da crise do café que afetou todas as regiões produtoras da Bahia em meados da década de 1930”. Nesse sentido é muito comum agente ouvir no município de Mutuípe histórias relacionadas ao período de produção do café, que antecedeu o cultivo do cacau. Nesse período os grandes proprietários contratavam mão de obra dos trabalhadores e houve um período em que esses trabalhadores se deslocavam até um lugar chamado km 100 para trabalhar na lavoura cafeeira. Com a chegada do cacau alguns fazendeiros começaram a destinar terras para o plantio e com os resultados positivos logo a nova cultura predominaria em toda a região.

Com a nova produção logo surgiram os primeiros armazéns de cacau e no município de Mutuípe é difícil não recordar dos primeiros proprietários, Zé Florêncio, Ceciliano Ramos e Moisés Brito, personagens que fazem parte dos primórdios da história do cacau em Mutuípe. Com o passar do tempo novos armazéns foram se instalando na cidade e atualmente o município conta com oito armazéns de cacau, além de comerciantes instalados no campo que também fazem a compra do produto e entrega diretamente nas firmas.

Figura 4- Imagem de um dos armazéns do município de Mutuípe-Ba



Fonte - Registro fotográfico da autora - pesquisa de campo - 2020

A Fim de entender a quanto tempo o entrevistado possui um armazém de cacau, ele nos informou que;

Eu tenho o comércio, o armazém né, a mais de 20 anos, eu sempre gostei muito de trabalhar com o cacau e tenho clientes que me acompanham do dia que abriu o armazém até os dias de hoje. Eu aprendi muito ao longo desses 20 anos, porque já passei por muitos altos e baixos. É um mercado que depende muito do preço que é estabelecido pelas firmas de fora do Brasil, porque o cacau que a gente produz aqui boa parte dele vai para fora (entrevista realizada com proprietário de armazém de Mutuípe-Ba, 2020).

Ao questionar sobre a importância da cultura cacaueira para a região, o comerciante comentou que;

O cacau ainda continua sendo um verdadeiro ouro pra essa região [...] O cacau ainda hoje representa o motor da economia desse município e posso dizer do Vale do Jiquiriçá inteiro, porque a circulação do dinheiro na cidade depende muito do preço do cacau e da produção. Quando o preço do cacau tá em alta a cidade fica logo movimentada, os mercados, as lojas de móveis, o comércio inteiro (entrevista realizada com proprietário de armazém de Mutuípe-Ba, 2020).

Assim como na entrevista com os produtores observa-se na afirmação do comerciante a importância dada ao cacau para a economia do município. O cacau considerado por ele como “ouro” ainda tem muito impactos na economia local.

Ao questionar o que representou a praga da vassoura de bruxa para os comerciantes de cacau do município e região, o comerciante respondeu que;

A vassoura de bruxa foi terrível tanto para quem produz, como pra quem trabalhava na lavoura do cacau e também para os comerciantes e não só os donos de armazém, todos os comerciantes em geral, porque quando apareceu a vassoura de bruxa o cacau teve uma grande queda na produção e no preço e as coisas ficaram difíceis. Lembro que nesse período muita gente adoeceu, porque tudo que tinha era a lavoura do cacau e com a praga era como se tudo fosse destruído. Foi assim muito triste, sempre conversava com meus clientes e via o desespero deles, (risos...), mas o que eles não sabiam era que como comerciante eu também tava bem desesperado (entrevista realizada com proprietário de armazém de Mutuípe-Ba, 2020).

A produção cacaueira teve grande êxito na região do Vale do Jiquiriçá, sobretudo após os anos de 1970. No entanto, em meados de 1987 o cacau sofreu uma crise e essa veio afetar a produção. Segundo Almeida (2008, p, 21) o que veio provocar essa crise foi “a queda na produtividade e a queda nos preços internacionais, outro problema que potencializou a crise foi o aparecimento da doença Vassoura de Bruxa”.

Quando a vassoura de bruxa surgiu nos jornais e nas plantações provocou um grande “rebolicho”, pois aqui no Brasil se sabia pouco sobre a praga e as formas de detê-la, deixando produtores, trabalhadores, comerciantes e municípios inteiros angustiados.

Atualmente os produtores relatam a constante queda da produção depois da vassoura de bruxa, pois essa praga adoece o fruto e com isso compromete a qualidade do produto e o peso na hora da venda. Mesmo com as dificuldades os produtores têm convivido até hoje com a presença da vassoura de bruxa e aqueles que dispõem de recursos tem buscado na clonagem das plantas antigas e que apresentam baixa produtividade um meio de manter sua produção.

Ao questionar como os comerciantes do cacau fizeram para sobreviver após a vassoura de bruxa, o entrevistado informou que;

Naquele tempo não teve muito que fazer, as dificuldades chegaram para todos, muitos armazéns da região fecharam e muitos produtores e comerciantes se quebraram, adquirindo dívidas. (entrevista realizada com proprietário de armazém de Mutuípe-Ba, 2020).

Para além dos problemas causados pela vassoura de bruxa, de acordo com Almeida (2008, p.25) outro problema que se apresenta é;

[...] a dependência comercial e organizacional que o Vale do Jiquiriçá tem com relação a região de Ilhéus – Itabuna, pois mesmo que os municípios produtores de cacau se tornassem mais competitivos não seria o suficiente para romper com a estrutura do setor de processamento dominada pelas grandes firmas internacionais.

Ao questionar de que forma essa cultura contribuiu/ou contribui para o desenvolvimento socioeconômico do município, o entrevistado respondeu que;

O cacau foi e é a produção agrícola que representa desenvolvimento para o município. Não sei se você sabe, mas aqui já foi cultivado o café, o fumo, e todos eles deixaram de ser cultivado, mas quando veio o cacau e se adaptou a essa região, foi como se o município tivesse descoberto uma produção que ia ajudar a cidade a crescer, e veio para ficar, mesmo porque é uma lavoura que demora um certo tempo para crescer e começar a dar fruto. (entrevista realizada com proprietário de armazém de Mutuípe-Ba, 2020).

Segundo Almeida (2008, p.15) a produção agrícola sempre teve grande valor para a economia brasileira e baiana. Aqui na Bahia, "primeiramente destacou-se a atividade canavieira, depois a fumageira e posteriormente a lavoura cacauzeira que, a partir do século XIX, passou a sustentar a economia da Bahia”.

Conforme expõe o comerciante entrevistado, a lavoura cacauífera foi aquela que mais se adaptou ao município de Mutuípe e por isso predomina até os dias atuais com grande influência sobre a vida das pessoas e a economia do município.

Ao questionar quais impactos negativos existem dessa cultura no município e quais seria o entrevistado diz que;

Eu não sei dizer o que tem de impacto negativo na cultura cacauífera, apesar da vassoura de bruxa ela trouxe muita coisa boa para essa terra. Mutuípe antes era um lugar atrasado, posso dizer até pobre e depois do cacau isso mudou muito. (entrevista realizada com proprietário de armazém de Mutuípe-Ba, 2020).

Ao questionar se houve transformação do espaço e do meio ambiente a partir da chegada do cacau no município o entrevistado considera que;

Teve muita transformação sim, tanto na roça e aqui na cidade também. Na roça teve muito desmatamento porque aqui se planta diferente do sul. Quando o cacau começou a ser cultivado aqui na região, muita gente não tinha terra desocupada para o plantio e teve pessoas que destruiu matas que tinha dentro do terreno, desfez de outros tipos de plantação, foi limpando tudo ao redor das nascentes e riachos e hoje convive com vários problemas. Aqui na sede do município depois do cacau muitos produtores compraram posses e casas e com isso a cidade foi crescendo. Não vou dizer que tá todo mundo bem de vida aqui não, porque com as crises do cacau o trabalho diminuiu no campo e muita gente veio morar a cidade pra procurar trabalho, que também não tem para todo mundo e com isso a cidade tá inchando. (entrevista realizada com proprietário de armazém de Mutuípe-Ba, 2020).

Ao questionar como é a relação de venda e compra do cacau no comércio do entrevistado, o mesmo respondeu que;

Sempre tive uma ótima relação com meus clientes, no meu comércio eu compro o cacau na saca, também compro cacau na folha, que é quando o cliente recebe o dinheiro e só entrega o cacau dentro de um determinado prazo. Eu compro cacau de gente que vende cinco kg até de fazendeiros que vendem muito, muito cacau mesmo. Mas o preço que a gente compra vai depender muito do preço que já vem das firmas, porque é em cima desse valor que eles calculam quanto vai comprar o cacau que a gente entrega. Como comerciante agente queria pagar um preço melhor porque como te disse antes também sou produtor e sei como é trabalhoso chegar a amêndoa do cacau sequinha para ser vendida, mas tanto o produtor como agente que é comerciante que entrega o produto nas grandes firmas, agente tudo depende dessas empresas. (entrevista realizada com proprietário de armazém de Mutuípe-Ba, 2020).

Como podemos observar na fala do entrevistado, produtores e comerciantes são subordinados aos preços estabelecidos pelas firmas e até que o produto (cacau) chegue às fábricas de chocolates e outros produtos derivados do cacau existem uma série de processos.

Temos aqui a presença de intermediários que são os donos de armazém, que compram a produção e depois repassam para as firmas. Nesse processo ocorre uma “subordinação comercial”, entre o produtor e o atravessador.

Segundo Almeida (2008) no Vale do Jiquiriçá nunca houve uma política capaz de integrar a produção a industrialização, fazendo com que toda a produção da região seja vendida em forma de amêndoas a um grupo de indústrias processadoras, em detrimento da desarticulação e descapitalização do produtor de cacau e dos seus espaços produtores.

Diante dessa situação, o Vale do Jiquiriçá, enquanto espaço produtor de cacau, também sofreu as mesmas oscilações, uma vez que sua produção está diretamente integrada à região produtora Sul da Bahia devido às relações comerciais existentes entre os agentes do Vale e as firmas processadoras situadas em Ilhéus e Gandu. (ALMEIDA, 2008, p.17)

Ao questionar onde o comerciante entrega o produto (cacau) que ele compra no município, o mesmo informou que ele entrega para uma firma na cidade de Ilhéus-Ba, que é uma representante aqui no estado de uma grande multinacional.

Ao questionar se o município de Mutuípe sobreviveria hoje sem a cultura cacauera e porque, o entrevistado respondeu que;

Eu não sei se consigo imaginar o município sem o cacau [pensativo...] sem o cacau só consigo imaginar o município com muito desemprego, muita fome, muita gente endividada, muito sofrimento mesmo, porque o município tem outras fontes de renda, mas o cacau é responsável pela vida do comércio e pelo desenvolvimento econômico do município. (entrevista realizada com proprietário de armazém de Mutuípe-Ba, 2020).

A fala do comerciante evidencia a tamanha importância do cacau no município de Mutuípe, a ponto de não conseguir imaginar como seria a vida econômica e social do município.

### 3.1.1 Agentes institucionais

Para entrevista com o coordenador da CEPLAC no município de Mutuípe, foram apresentadas treze questões, a fim de compreender a importância e impactos da cultura cacauera no município de Mutuípe, a partir

do olhar de um representante do órgão responsável por acompanhar e assessorar parte dos produtores de cacau do município de Mutuípe e de alguns municípios circunvizinhos.

O coordenador da CEPLAC não é natural de Mutuípe, mas reside no município há 35 anos, e tem 43 anos de trabalho prestado junto a CEPLAC e ao INCRA. Uma das questões apresentadas foi em relação à criação da CEPLAC e seus objetivos. O coordenador respondeu que;

A CEPLAC foi criada com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico, social e ambiental da região cacauzeira no Brasil. Melhorando a qualidade de vida dos produtores rurais e suas famílias, uma vez que melhorando sua produção e produtividade, a lavoura cacauzeira gera trabalho, emprego e renda (Entrevista-Coordenador da CEPLAC- Mutuípe, 2020).

De acordo com Almeida (2008) tanto o Instituto de Cacau da Bahia (ICB) quanto a Comissão do Plano da Lavoura Cacauzeira (CEPLAC) foram criadas no momento de crise, e são órgãos que "representam conquistas e avanços importantes para a atividade cacauzeira, mas não representaram um meio eficaz para garantir a sustentabilidade da cacauicultura frente ao mercado internacional" (ALMEIDA, 2008, P.16).

Em relação à história do município de Mutuípe antes e depois do cacau, o coordenador expressa que;

O desenvolvimento econômico do município de Mutuípe teve destaque quando iniciou a implantação do polo cacauzeiro na região Jiquiriçá, em especial no município de Mutuípe. Sendo que antes o município cultivava o café, fumo e mandioca e não tinha o mesmo potencial econômico que o cacau desenvolveu na região (Entrevista-Coordenador da CEPLAC- Mutuípe, 2020).

Como pode ser observado no relato do coordenador da CEPLAC nesse espaço, o desempenho econômico passou a ter destaque a partir do momento em que passou a cultivar a lavoura cacauzeira. Assim como em outras regiões da Bahia a lavoura cacauzeira passou a compor o quadro das atividades agrícolas a partir da crise do café, no entanto como afirma Almeida (2008, p.21) "[...] só a partir da década de 70, com a chegada da CEPLAC, como um marco da modernização da agricultura, que a lavoura cacauzeira se estendeu com maior ímpeto".

Ao questionar em que ano a CEPLAC chegou ao município, o coarrendador informou que o escritório local de Assistência Técnica e Extensão Rural da CEPLAC, foi instalado no município de Mutuípe na data de 06 de junho de 1973. Vale ressaltar que no município de Mutuípe já existia o plantio e comercialização da lavoura cacaeira antecedente da implantação da CEPLAC, mas a instalação do órgão representou um grande avanço, na medida em que com toda sua orientação técnica e modernização, contribuiu para que o plantio e a comercialização fossem expandidos.

Quanto a importância da cultura cacaeira para o município de Mutuípe e região, o coordenador considera que;

Trabalhando a muito tempo nessa região, posso afirmar que a lavoura cacaeira é de grande relevância na região, sendo a base da economia local. Ela representa a riqueza do município, mantém o homem no campo produzindo e movimentando o comércio (Entrevista- Coordenador da CEPLAC- Mutuípe, 2020).

Observa-se que assim como nas palavras dos produtores e do dono de armazém, o coordenador da CEPLAC também define o cacau como a riqueza do município. Essa é uma visão quase unânime no município, e quantas pessoas pudessemos entrevistar certamente ouviríamos tal definição. O cacau é associado à riqueza, ao ouro, ao potencial e etc.

Ao questionar o que representou a praga da vassoura de bruxa para os produtores e comerciantes de cacau de Mutuípe e região?

A doença da vassoura de bruxa foi responsável por provocar uma grande devastação econômica e social na região cacaeira. A vassoura de bruxa dizimou grande parte da plantação de cacau na região centro cacaeira de Ilhéus. Os prejuízos se deram desde a questão financeira até o êxodo rural, onde muitos agricultores e trabalhadores foram forçados a se deslocar para a cidade ou para outras regiões do país. No Vale do Jiquiriçá a doença da vassoura de bruxa se apresentou dez anos depois e as consequências foram mais amenas devido ser uma região de pequenos produtores com mão de obra familiar e também por já ter surgido tecnologias para controlar a doença. (Entrevista- Coordenador da CEPLAC- Mutuípe, 2020).

A tão temida vassoura de bruxa afetou também o município de Mutuípe e demais regiões produtoras no vale do Jiquiriçá, no entanto como pode ser observado a partir do que relata o coordenador da CEPLAC, nesse território seus impactos se deram de forma diferente da região Sul, considerando a forma de organização da produção e o período que chegou à região, sendo que já se contava com algumas tecnologias que contribuiriam para controlar a doença.

Segundo (SANTOS FILHO 1995 apud SENA 2006), o maior problema da cacauicultura baiana reside nos problemas causados pelo aumento da produção mundial de cacau.

Ao questionar sobre a contribuição da CEPLAC para a sobrevivência da lavoura cacaueteira, o coordenador respondeu que;

A Ceplac contribui de forma efetiva transferindo tecnologias modernas para serem aplicadas no cultivo do cacau; desenvolvendo pesquisas científicas para dar o suporte ao cultivo e manejo para aumento da produtividade e produção. Como também investiu em obras de infraestrutura e na educação com as emarc's no desenvolvimento. Também contribui com apoio para o crescimento e fortalecimento do cacau, a partir de cursos, palestras e atividades de campo que tem contribuído para melhorar a produção/comercialização e impactar diretamente na receita do município. (Entrevista- Coordenador da CEPLAC- Mutuípe, 2020).

É inegável a importância e contribuição da CEPLAC tanto no Vale do Jiquiriçá, quanto na região Sul do país, pois desde sua instalação esse órgão vem desenvolvendo estudos, tecnologias, cursos de capacitação e com isso as atividades agrícolas do cacau têm se mantido até os dias atuais na região, ocupando ainda nos dias de hoje o status de ouro e riqueza para os municípios produtores.

Em relação à assistência oferecida pela CEPLAC, questionamos se o órgão consegue atender todos os produtores do município, e foi respondido que;

A CEPLAC é um órgão Federal, vinculado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que anteriormente era o único órgão de fomento da região cacaueteira com o triple de pesquisa, extensão e educação. Com o avanço dos anos foram reduzidas as ações da CEPLAC que hoje abrange as áreas da pesquisa e inovação tecnológica, no entanto a maioria dos escritórios locais já foram desativados, reduziu-se o número de servidores, mas a assistência técnica continua atendendo os agricultores que se interessam em ser assistidos. (Entrevista- Coordenador da CEPLAC- Mutuípe, 2020).

Como foi informado pelo coordenador em seu relato, infelizmente há alguns anos a CEPLAC começou a sofrer com a ausência de incentivo do estado, representado pela ausência de funcionários e manutenção para a realização de suas atividades. Dessa forma por mais que o coordenador afirme que continua atendendo a todos os agricultores que se interessa em ser assistidos, sabe-se inclusive a partir do relato dos agricultores que participaram dessa pesquisa,

que a CEPLAC não consegue chegar a todos os agricultores de forma direta e que nos últimos anos tem deixado a desejar. Uma vez que no município de Mutuípe o quadro de técnicos foi bastante reduzido e o número que ficou não dá conta de atender as demandas de todo o município, que tem uma zona rural bastante extensa.

Outra questão foi de que forma a cultura cacaueteira contribuiu/contribuiu para o desenvolvimento socioeconômico do município?

Segundo o censo agropecuário de 2017, realizado pelo IBGE, destaca que o município de Mutuípe puxante em produção de cacau na região cacaueteira da Bahia. O mundo rural do município de Mutuípe apresenta um produto interno bruto (PIB) com 32,4% no setor agropecuário e 8,9% no setor industrial e 59% no setor de serviços. No entanto, o PIB da agropecuária é que projeta a riqueza do município e faz o movimento forte e dinâmico do setor de serviços. A ocupação de pessoas no trabalho tem seu maior potencial na agropecuária com 55% e o comércio atinge somente 12%. O comércio de Mutuípe é o centro polarizado entre os municípios circunvizinhos, que abrange Laje, Jiquiriçá e Ubaíra, tornando o centro de comercialização, de serviços e comprar do cacau. (Entrevista- Coordenador da CEPLAC- Mutuípe, 2020).

Como pode ser observado ainda hoje o cacau tem grandes impactos na economia e desenvolvimento local, no processo de desenvolvimento dessa pesquisa observou-se uma alegria dos produtores porque o preço do cacau estava em “alta”, comparada a períodos anteriores, e isso representa que eles terão um retorno financeiro positivo, além de poder consumir no comércio local que conseqüentemente terão suas vendas aquecidas.

Sobre a existência de impactos negativos da cultura cacaueteira no município de Mutuípe, o coordenador considera não há impactos negativos, defendendo que;

Na minha avaliação, não há impactos negativos uma vez que a cultura cacaueteira impactou em novas estratégias de desenvolvimento econômico e social no município. Como também o espaço territorial ocupado pelo cacau representa mais ou menos 30% da área física do município de Mutuípe. (Entrevista- Coordenador da CEPLAC- Mutuípe, 2020).

No entanto, com a instabilidade do preço do cacau e a diminuição de sua produção, considerando que a maioria dos produtores do município de Mutuípe não dispõe de grandes territórios de terra, verifica-se, sobretudo a

partir da última década um número muito grande de pessoas que se deslocam para morar na sede do município ou deslocam-se para os grandes centros em busca de emprego.

Além disso, de acordo com Sena (2006, p.29) no Sul da Bahia a lavoura cacauera contribui para a preservação da Mata Atlântica, “pois a lavoura depende de sombreamento para melhor produzir, devido a este aspecto, a árvore de médio e grande porte geralmente são preservadas para este fim”. Infelizmente no município de Mutuípe, a forma de plantio é diferente do Sul do país, e há muitas situações de desmatamento na tentativa de expandir o plantio do cacau e conseqüentemente aumentar a produção e o lucro.

Ao questionar se houve transformação do espaço e do meio ambiente a partir da chegada do cacau no município, o coordenador da CEPLAC avalia que;

Com a chegada do cacau, acabou ocasionando uma mudança na fauna e flora em virtude da ação do homem na implantação da nova. Houve também uma redução na área de mata prejudicando o meio ambiente, todavia o cacau representa uma planta da floresta amazônica, e sendo cultivada de forma adequada traz benefícios ambientais. Nos últimos anos a CEPLAC vem trabalhando com a conscientização dos agricultores e tem contribuído para mudar o comportamento do homem em relação ao trato com a natureza. (Entrevista- Coordenador da CEPLAC- Mutuípe, 2020).

A última questão apresentada para o coordenador da CEPLAC foi se o Município de Mutuípe sobreviveria hoje sem o cultivo do cacau e o mesmo considera que;

Possivelmente não sobreviveria com a redução da área do cacau e sua extinção no município. Uma vez que é o cacau que traz a riqueza para o município, mantém a população na zona rural, trabalhando e produzindo através da agricultura familiar, e evitando o êxodo rural para outras regiões. O comércio da cidade também não se sustentaria sem o dinheiro que a lavoura cacauera faz circular. (Entrevista- Coordenador da CEPLAC- Mutuípe, 2020).

A partir da visão do coordenador percebe-se que o Município de Mutuípe vê a cultura cacauera como única produção agrícola promissora, capaz de promover o desenvolvimento econômico e que sem ela, provavelmente o município entraria em declínio.

Esse capítulo foi fundamental para compreendermos a importância e os impactos da lavoura cacauzeira no Município de Mutuípe-Bahia, a partir do olhar dos produtores de cacau, comerciantes, e do coordenador da CEPLAC. No município lócus da pesquisa observa-se que a organização da produção da lavoura cacauzeira envolve pequenos, médios e grandes produtores de cacau, no entanto a maioria desses agricultores pertence ao grupo de pequenos agricultores, os quais desenvolvem a atividade juntamente com o conjunto da sua família.

A forma como o cacau é produzido, e comercializado no Vale do Jiquiriçá difere bastante da forma de organização existente na região sul da Bahia, sendo que nos municípios do Vale do Jiquiriçá para o plantio do cacau os agricultores limpam todo o terreno fazendo o plantio de bananeira para ajudar no sombreamento do cacau até que a planta cresça, e no Sul da Bahia os agricultores seguem o sistema conhecido como “cacau cabruca” que é caracterizado pelo plantio do cacau sob a sombra das árvores da Mata Atlântica. No entanto uma coisa é comum, o valor dado a esse produto que até os dias atuais, impacta diretamente na vida dos produtores, do comércio, da paisagem, e da economia de diversos municípios do estado da Bahia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos através dessa pesquisa, cujo objetivo foi identificar como a produção cacauera tem impactado na dinâmica socioespacial do município de Mutuípe no estado da Bahia, identificou-se que Mutuípe faz parte do conjunto de cidades do Vale do Jiquiriçá que integram o circuito espacial da produção de cacau na Bahia. Esses municípios produzem o cacau e vendem as amêndoas secas, e desde o princípio dessa comercialização são dependentes das grandes firmas que controlam o circuito espacial produtivo do cacau.

Identificou-se que a história da cultura cacauera no município de Mutuípe é marcada por períodos áureos e de crises e dentro desses processos são os pequenos agricultores os mais afetados economicamente. Mas de forma geral toda a economia do município é influenciada pelo preço do cacau, sobretudo o comércio.

Os dados analisados apontam as diversas transformações que vêm ocorrendo na paisagem sede do município de Mutuípe, desde a chegada da lavoura cacauera no município e região. Embora o município já tenha produzido outras lavouras em grande escala como café e fumo, foi o cacau que mais contribuiu para o desempenho socioeconômico e para a transformação da paisagem do município.

A pesquisa aponta que embora Mutuípe e as demais regiões do Vale do Jiquiriçá produzam o cacau, e mantenham desde sempre uma relação comercial com a região produtora no sul da Bahia, o vale não tem influência sobre os preços e a organização comercial, tornando-se assim um espaço produtor secundário completamente dependente da região Sul da Bahia.

A pesquisa revelou ainda que os produtores de cacau do município de Mutuípe centram suas expectativas sobre a produção e os preços, e poucos questionam sobre as estruturas e a organização do circuito produtivo do cacau, e a forma como ocorre seu processamento. Como pode ser observado durante a pesquisa, fora a representação da CEPLAC no município de Mutuípe, que é um órgão governamental, não existe nenhuma forma de organização dos

produtores de cacau, o que dificulta para implementar uma nova forma de produção e venda, onde os produtores rurais possam reverter a lógica desse mercado, e os lucros possa chegar de forma justa aos agricultores. Portanto, não identificamos na atualidade nenhuma cooperativa ou associação de produtores rurais no município.

Já o pequeno produtor, que só possui a terra como forma de renda, cuida das roças todo o período, sendo que para se manter diante das crises e baixa do preço do cacau, eles cultivam lavouras de subsistência, como a banana, a laranja, o milho, o feijão e principalmente a mandioca. Nessa situação, a condição do pequeno produtor não é favorável, espoliado pelos comerciantes e pelas firmas que mantêm os preços do cacau sempre baixos, a sua condição de sobrevivência enquanto pequeno produtor é cada vez mais difícil. Na maioria das vezes, os seus filhos tendem a trabalhar como assalariados nas grandes fazendas.

Espera-se com essa pesquisa, contribuir para que estudantes, professores, produtores rurais, entre outras pessoas do município de Mutuípe e região possam conhecer a história da lavoura cacauzeira no município, sua importância e seus impactos socioeconômicos na paisagem do seu distrito sede. Espera-se também que a partir dessa pesquisa, outras sejam desenvolvidas com o intuito de aprofundar outras questões das quais não foram objeto direto da pesquisa, mas aparecem como temáticas importantes a serem investigadas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. Luciene. **O Vale do Jiquiriçá no contexto do circuito espacial produtivo do cacau**. Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em geografia da UFBA, 2008, Salvador-BA. Acesso – <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19801/1/Luciene%20Santos%20de%20Almeida.pdf>

ARAUJO, C, Edileide.; LEAL, C, Josinete.; OLIVEIRA, L,D, Maria. **Pesquisa de Campo**. Metodologias qualitativas de pesquisa, Org. Nivea Maria Fraga Rocha; Raimundo Santos Leal e Edivaldo Machado Boaventura. Salvador: Fast Design, 2008.

BRASIL. **Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira**. Diretrizes para a expansão da cacauicultura nacional 1976-1985. Brasília: CEPLAC, 1977.

BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

COSTA, A. P. C. **Perfil do êxodo rural no município de Mutuípe-Ba**. II Simpósio baiano de Geografia Agrária: entre teoria e pratica, articulações e resistências. 3 a 5 de julho de 2017 – Salvador-BA.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DIAS, B. G. Marcelo.; NASCIMENTO, T.F. Diego. **Clima urbano e ilhas de calor**: aspectos teórico-metodológicos e estudo de caso. X Fórum Ambiental da Alta Paulista, v. 10, n. 12, 2014, pp. 27-41.

CASTILLO, Ricardo. FREDERICO, Samuel. **Espaço geográfico, produção e movimento**: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. Soc. nat. (Online) vol.22 no.3 Uberlândia Dec. 2010. Acesso em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-45132010000300004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-45132010000300004)

FIORAVANTI, C.H. VELHA, Léa. **Fungos, fazendeiros e cientistas em luta contra a vassoura-de-bruxa.** FIORAVANTI, C.H. VELHA, Léa. Fungos, fazendeiros e cientistas em luta contra a vassoura-de-bruxa.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

MAARA/CONTAG. **Propostas e recomendações de política agrícola diferenciada para o pequeno produtor.** Brasília, 1994 (Relatório da Comissão Técnica MAARA/CONTAG, Portarias MAARA 692, de 30/11/93 e 42, de 24/01/94).

MASCARENHAS, G. C. C. **Análise de alguns fatores relevantes a oferta de cacau baiano no período de 1967 a 1993.** 1993. 58p. Monografia (Especialização) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus.

MINAYO, Cecilia de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 30. ed, Petrópolis. RJ:Vozes, 2011.

NEVES, D. P. **Agricultura familiar.** In: CALDART, R. S. et. al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, p. 32-40, 2012.

**Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário do Vale do Jiquiriçá, Amargosa – BA,** CODETER Vale do Jiquiriçá, UFRB, CNPq, MDA, 2017. Acesso em [www.seplan.ba.gov.br/arquivos/File/politica\\_territorial/PUBLICACOES\\_TERRITORIAIS/Planos-Territoriais-de\\_Developolvimento-Sustentavel\\_PTDS/2018/PTDS\\_Territorio\\_Vale\\_do\\_Jiquirica.pdf](http://www.seplan.ba.gov.br/arquivos/File/politica_territorial/PUBLICACOES_TERRITORIAIS/Planos-Territoriais-de_Developolvimento-Sustentavel_PTDS/2018/PTDS_Territorio_Vale_do_Jiquirica.pdf)

SANTOS, M. J. **Projeto alternativo de desenvolvimento rural sustentável.** Estudos Avançados. São Paulo: USP, v. 15, n. 43, p. 225-238, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia.** Hucitec. São Paulo 1988.

\_\_\_\_\_ **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos.** - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

\_\_\_\_\_ SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2006.

SANTOS FILHO, José Maciel dos. **Consideração sobre a crise da economia cacauífera.** Bahia Agrícola. Salvador, 1995

SENA, U.R. **Os impactos socioambientais gerados pela crise do cacau no Município de Coaraci – Bahia**, salvador, 2006. Acesso em maio de 2021 [Microsoft Word - Monografia Umberto Revisado 14 09 FINAL.doc \(seia.ba.gov.br\)](#)

SILVA, D, L, A.; BARRETO, V, B, R. **Análise de conteúdo**. Metodologias qualitativas de pesquisa, Org. Nivea Maria Fraga Rocha; Raimundo Santos Leal e Edivaldo Machado Boaventura. Salvador: Fast Design, 2008.